

DA CULTURA MATERIAL DA ESCRAVIDÃO E DO PÓS-EMANCIPAÇÃO: PERSPECTIVAS COMPARADAS EM ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA*

Luís Cláudio Symanski & Flávio Gomes**

Recebido 01/06/2013 Aprovado 30/06/2013
--

Resumo: Neste artigo discutimos as possibilidades de conexões teóricas e metodológicas nas abordagens sobre cultura material da escravidão e do pós-emancipação. A partir da bibliografia temática, tanto avaliamos o estágio atual dos estudos em arqueologia histórica como apresentamos um projeto de pesquisa em andamento de escavação de sítios arqueológicos em fazendas no sudeste escravista.

Palavras-chave: Escravidão – Arqueologia histórica – Pós-emancipação – História Social.

Abstract: In this article we discuss the possible theoretical and methodological connections between approaches to the material culture of slavery and the post-emancipation period. Based on the thematic bibliography, we both evaluate the current stage of studies in historical archeology and present an ongoing research project that is excavating archaeological sites on farms in the slaveholding Southeast of Brazil.

Keywords: Slavery – Archeological history – Post-emancipation – Social History.

Este artigo oferece um ensaio preliminar sobre as possibilidades teóricas e metodológicas de estudos sobre a cultura material da escravidão e do pós-abolição em pesquisas coordenadas por arqueólogos e historiadores. Apresentando um panorama brasileiro e internacional a respeito da bibliografia sobre família, cotidiano e sociabilidades da vida escrava e as conexões da arqueologia e da história, destacamos como as reflexões baseadas nas fontes textuais e no registro arqueológico podem ser ampliadas e comparadas a partir de investigações multidisciplinares.

* Pesquisas que contam com o financiamento do CNPq e da FAPERJ.

** Respectivamente professores da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mails:* symanski@ufl.edu; escravo@prolink.com.br.

Em torno da Cultura Material

Embora a produção historiográfica sobre a escravidão no sudeste seja bastante extensa, esta tem sido baseada, sobretudo, em fontes textuais, com poucas referências à cultura material e – menos ainda – ao registro arqueológico. Tal registro, sendo basicamente os vestígios materializados das práticas cotidianas, pode se constituir numa importante via de acesso à história da escravidão (especialmente as sociabilidades dos escravos e os africanos). Permite, assim, explorar a diversidade de práticas que podem ter sido, por um lado, intencionalmente mantidas ocultas das vistas dos senhores e feitores, ou, por outro, consideradas como tão triviais a ponto de não terem merecido a atenção do registro por parte desses segmentos. Justamente por viabilizar o acesso a tais práticas, a pesquisa em arqueologia histórica da escravidão e do pós-emancipação apresenta um enorme potencial ao fornecer indícios – não passíveis de serem obtidas por fontes textuais – sobre os padrões de vida material, cotidiano, economia, cosmologias, religiosidade, identidades e outras variadas formas de *agency* na diáspora.

Em termos de abordagens da cultura material na Arqueologia, a orientação teórica de uma face desta investigação está pautada nas abordagens pós-processualistas,¹ as quais têm demonstrado que a cultura material, antes do que um reflexo passivo, é instrumentalmente utilizada por diferentes grupos sociais com uma série de propósitos: a imposição de ideologias, a resistência a sistemas opressivos, e a construção, afirmação e reprodução de identidades diferenciadas, incluindo classe, gênero, grupos etários e etnicidade. Porém, o pós-processualismo não representa uma vertente teórica unificada; é, sobretudo, um rótulo genérico para uma diversidade de abordagens da teoria social contemporânea, as quais têm em comum a rejeição ao positivismo e ao objetivismo das abordagens ditas científicas que as precederam, como a arqueologia processual e a arqueologia comportamental.² Sendo o registro arqueológico, basicamente, o produto das práticas de indivíduos, grupos e sociedades, a teoria da prática apresenta-se como um marco potencial para abordá-lo. Uma das principais vantagens que esse corpus teórico oferece é o reconhecimento de que as

¹ HODDER, Ian. **Theory and Practice in Archaeology**. Routledge, London. 1992; _____. **Reading the Past**. Cambridge University Press, London. 1986.

² BEAUDRY, Mary; COOK, L.; MROZOWSKI, S. Artifacts and Active Voices: Material Culture as Social Discourse. In: MCGUIRE, R.; PAYNTER, R. **The Archaeology of Inequality**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1991. p. 150-191.

relações humanas são simultaneamente sociais e materiais.³ A cultura material, a configuração do espaço e os hábitos de vida passam a ser considerados fundamentais para a reprodução social.⁴ Antes do que mero pano de fundo no desenvolvimento da ação, o mundo material é reconhecido como o principal meio para a construção da memória, dando coerência e continuidade à vida social. A premissa central da teoria da prática é que a cultura constrói as pessoas como tipos particulares de atores sociais, porém, estes mesmos atores, através de suas práticas cotidianas, podem reproduzir e/ou transformar a cultura que os produziu.⁵ Rejeita-se, assim, as dicotomias teóricas representadas, por um lado, pelo individualismo metodológico, que considera o indivíduo como o centro da ação e dos fenômenos sociais, e, por outro, o holismo metodológico, que considera a estrutura como limitante, e mesmo determinante, da ação social.⁶ Ao contrário, os fenômenos sociais são analisados com base no relacionamento dialético entre a estrutura e a agência, o sistema e o indivíduo, a representação e a ação, o discurso e a prática, o macro e o micro, o sujeito e o objeto. A meta é entender como a vida é aprendida com base nas perícias que são inculcadas nos seres humanos através do processo de socialização.⁷ De tão comuns e básicas para as nossas vidas, essas ações cotidianas são inconscientes, sendo denominadas de *habitus*.⁸ Como elemento mediador entre o pensamento e a ação, o *habitus* consiste nos princípios, inconscientemente aprendidos através do processo de socialização, que geram e organizam tanto as práticas quanto as representações.

Central, portanto, à teoria da prática é o relacionamento recursivo entre a agência e a estrutura. A primeira é situada nas condições estruturais, as quais consistem nos recursos, que se estendem de materiais e simbólicos e de tradições de execução a tradições de expressão. Consistindo, simultaneamente, no meio e no resultado, tais recursos compõem um campo de possibilidades que são reproduzidas e transformadas

³ GOSDEN, Christopher. **Anthropology and archaeology: a changing relationship**. London; New York: Routledge. 1999. p. 120.

⁴ McCALL, John C. Structure, agency, and the locus of the social: why poststructural theory is good for archaeology. In: ROBB, John E. (Ed.). **Material Symbols: Culture and Economy in Pre-History**, p. Carbondale: Southern Illinois University. 1999. p. 17-19.

⁵ ORTNER, Sherry. **Anthropology and social theory: culture, power, and the acting subject**. Durham: Duke University Press. 2006. p. 129.

⁶ RITZER, G.; GINDOFF, P. Agency-structure, micromacro, individualism-holism-relationism. In: P. SZTOMPKA (Ed.) **Agency and structure: Reorienting social theory**. Yverton: Gordon and Breach, 1994. p.2-23.

⁷ GOSDEN, Christopher. Op. Cit., 1999.

⁸ BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

através das práticas, intencionais e não intencionais, que eles medeiam.⁹ Esta concepção de agência como mediada pela estrutura é bastante diferenciada daquela típica do individualismo metodológico, que realça a racionalidade prática do indivíduo ativo, ocidental, como determinante.¹⁰ Antes, considera que os agentes estão sempre imersos em uma multiplicidade de relações, de modo que não podem agir fora das mesmas.¹¹ Cabe, contudo, ser destacado que a noção de agência, como lembra Ortner,¹² foi subdesenvolvida nos textos dos teóricos da prática iniciais, como Bourdieu, Giddens e Sahlins, embora Giddens¹³ tenha dado mais destaque ao papel da intencionalidade humana na constituição do social. Do mesmo modo, a noção de poder, embora não ignorada, não era central a esta estrutura teórica.¹⁴ Porém, o fato de o indivíduo estar sempre envolvido em relações de poder e de desigualdade exige que a relação entre agência e poder torne-se central nesta estrutura teórica. Em sua atualização da teoria da prática, Ortner¹⁵ enfatiza não somente as questões relacionadas à resistência direta, mas também os modos nos quais a dominação é permeada por ambiguidades, contradições e lacunas. Este fato leva à constatação de que a reprodução social nunca é total, sendo sempre “imperfeita e vulnerável às pressões e instabilidades inerentes em qualquer situação de poder desigual”.¹⁶ Nesse sentido, a agência não é somente cultural e historicamente construída, mas também diferencialmente conformada sob diversos regimes de poder.¹⁷ Este é um ponto fundamental que está sendo considerado nestas pesquisas de arqueologia histórica da escravidão e do pós-emancipação, cuja ênfase recairá na agência de grupos escravos e de libertos vivendo em tipos diferenciados de estruturas produtivas, os engenhos de açúcar, as fazendas de café, os quilombos antigos e os atuais povoados negros rurais. Outro aspecto relevante destacado por Ortner¹⁸ diz

⁹ BARRET, John. Agency, the duality of the structure, and the problem of the archaeological record. In: HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity Press, 2001. p.141-164. p. 149-150.

¹⁰ DOBRES, Marcia-Anne; ROBB, John. Agency in archaeology: paradigm or platitude? In: DOBRES, Marcia-Anne; ROBB, John (Eds). **Agency in Archaeology**. London: Routledge, 2000. p.3-17. p. 4.

¹¹ ORTNER, Sherry. Op. Cit., 2006. p. 130.

¹² ORTNER, Sherry. Op. Cit., 2006.

¹³ GIDDENS, Anthony. **Central problems in social theory: action, structure and contradiction in social analysis**. Berkeley: University of California Press. 1979.

¹⁴ ORTNER, Sherry. Op. Cit., 2006. p. 4-8.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem, p. 7.

¹⁷ Idem, p. 137.

¹⁸ Idem, p. 136-139.

respeito aos dois campos de significado da noção de agência. O primeiro vincula-se à intencionalidade e à realização do que chama de *projetos culturalmente estabelecidos*. O segundo relaciona-se ao poder propriamente dito, relativo à ação dentro de relações de desigualdade social, assimetria e força, considerando que o poder sempre apresenta duas feições, operando de cima como dominação e de baixo como resistência; qual seja, a agência será sempre um misto desses dois campos de significado. Esta estrutura conceitual é potencialmente produtiva para abordar os contextos da escravidão, dado que essas duas feições do poder diretamente atuaram na estruturação das práticas cotidianas dos grupos escravizados.

Nas últimas décadas tem havido um intenso debate – cada vez menos ideologizado, mas, sobretudo, com dimensões metodológicas – na historiografia brasileira. Das análises de uma *escravidão genérica* até os anos 1960, passando pelo debate teórico do *escravismo* nos anos 1970 e 1980, alcançando o papel dos *escravos* a partir dos anos 1990, temos hoje uma historiografia mais ainda consolidada, onde é possível identificar correntes e escolas com destaque para o uso de recursos metodológicos originais.¹⁹ No debate historiográfico em mudança, muitas vezes as abordagens estruturais predominaram. Escravidão e, principalmente, escravos seriam descritos tão somente pela sua importância econômica, enquanto propriedades dos senhores, semoventes. Apareceriam mergulhados em números e estatísticas, entre o tráfico atlântico e as famílias nos grandes plantéis. Apesar da ênfase nos números, muitos destes estudos foram importantes, mesmo fundamentais. A família escrava emergiria com seus arranjos de parentesco, mudanças estruturais e cíclicas. O debate – quase sempre marcado pelo preconceito e utilização sem críticas das fontes de viajantes – ganharia fôlego com a pesquisa em fontes seriais. Questão igualmente importante seria aquela das diferentes estruturas de posse dos escravos. A propriedade escrava estava disseminada em todo o Brasil, podendo haver – numa mesma região – tanto grandes fazendeiros absenteístas da agro-exportação como pequenos lavradores

¹⁹ KLEIN, Herbert S. American Slavery in Recent Brazilian Scholarship, with Emphasis on Quantitative Socio-economic Studies (Review Essay). *Slavery & Abolition* 30, n. 1, p. 111-133, 2009. SCHWARTZ, Stuart B. A historiografia recente da escravidão brasileira. In: _____. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru, Edusc, 2001. p. 21-88.

produtores de alimentos.²⁰ Já o tema do tráfico e suas dimensões possibilitaria esquadrihar o litoral africano e fundamentalmente a ideia da “produção do escravo”.²¹ Uma África romantizada – um quase lugar – cederia a vez para as abordagens sobre os marinheiros, o papel do tráfico e dos traficantes além da própria história africana, não só aquela econômica, mas a social e política.²²

No tocante a uma dimensão política da escravidão, surgiram abordagens sobre a percepção e a cultura política. De uma maneira geral, o protesto só tinha sido analisado como “reação”, no caso os escravos não agiam, supostamente só “reagem”. Numa escravidão benevolente proposta por Gilberto Freyre, não havia reação; enquanto na escravidão violenta da Escola Paulista, só valia destacar a “reação” como forma de enfatizar a crueldade do regime.²³ Houve todo um esforço de revisão sobre os aspectos da suposta ideia de docilidade dos cativos e do caráter brando da escravidão no Brasil.²⁴ A questão da cultura também ganharia destaque. De forma genérica se falava em reminiscência da cultura africana no Brasil, sendo necessário classificá-la e também escolher seus cenários. Uma importante contribuição da antropologia caminhou numa tradição que percorreu de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edison Carneiro a Roger Bastide e Pierre Verger.²⁵ Se as reflexões clássicas de Cunha,²⁶ Reis²⁷ e Slenes²⁸

²⁰ Idem. **Segredos internos; engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo, Companhia das Letras. 1988; KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

²¹ RODRIGUES, Jaime. **De Costa a Costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)**. São Paulo: Cia. das Letras. 2005; ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O Trato dos Videntes. A formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

²² REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus J. M. **O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c. 1822-c.1853)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

²³ CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁴ QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Rebeldia Escrava e Historiografia. Estudos Econômicos**, São Paulo, IPE-USP, v. 17, número especial, p. 7-35, 1987; CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: Brasiliense. 1987; GORENDER, Jacob. **Escravidão Reabilitada**. São Paulo: Ática, 1991; SLENES, Robert W. **Na Senzala, uma Flor: 'As esperanças e as recordações' na formação da Família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

²⁵ BASTIDE, Roger. **The Other Quilombos**. In: PRICE, Richard (Org.). **Maroon Societies. Rebel Slave Communities in the Americas**. Second edition, The Johns Hopkins University Press, 1979. p. 191-201; Idem. **As Américas Negras: As Civilizações Africanas no Novo Mundo**. São Paulo: DIFEL/EDUSP. 1974; RAMOS, Arthur. **As Culturas Negras no Novo Mundo**. 3ed. São Paulo: Ed. Cia. Nacional. 1979; RAMOS, Arthur. **O Negro na Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1953; RAMOS, Arthur. **A Aculturação Negra no Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, Col. Brasileira, 1942; RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

²⁶ CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

reavaliaram tais caminhos, apontando outros percursos, mais recentemente estudos têm feito importantes movimentos analíticos com apropriações metodológicas elaboradas e pesquisas empíricas substantivas.²⁹

No Brasil, as pesquisas arqueológicas em sítios de ocupação africana e afrodescendente ainda são escassas, diferentemente dos Estados Unidos, onde investigações sistemáticas têm revelado a diversidade da vida material e as práticas econômicas, sociais e culturais desses grupos em contextos como *plantations*, chácaras, quilombos, bairros e unidades domésticas. Cabe, portanto, um breve panorama sobre as contribuições da arqueologia afro-americana. Estudos sistemáticos em contextos afro-americanos se iniciaram na década de 1970, em senzalas de *plantations* da Florida e da Geórgia, investigando o processo de emergência da tradição afro-americana a partir dos possíveis restos tangíveis da cultura africana no registro arqueológico³⁰. Esta agenda acadêmica era influenciada pelo modelo de aculturação desenvolvido por Herskovits,³¹ o qual cunhou o termo *africanismo* para se referir às práticas e aos costumes de origens africanas mantidas pelas comunidades nas Américas. Esses estudos enquadravam-se, assim, em um modelo tradicional de aculturação, no qual os escravos eram vistos como inaptos para se engajar em estratégias de negociação com os senhores. Tal perspectiva continuou em pauta na arqueologia afro-americana até os anos 1980.³²

Na década de 1980, a influência da abordagem científica da nova arqueologia levou à busca por padrões materiais típicos dos grupos afro-americanos, os quais deveriam ser explicados em termos de comportamentos culturalmente específicos e de status socioeconômicos. Dentre os padrões delineados estavam a alta incidência de

²⁷ REIS, João J. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1986].

²⁸ SLENES, Op. Cit., 1999; Idem. 'Malungu, Ngoma vem!': África coberta e descoberta no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 12, dez./jan./fev. 1991/92.

²⁹ PARÉS, Luís Nicolau. **A Formação do Candomblé. História e ritual da nação JeJe na Bahia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006; OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. Viver e Morrer no meio dos seus. Nações e Comunidades africanas na Bahia do Século XIX. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 174-193, dezembro/1995 e fevereiro/1996,. 1995/96; FARIAS, Juliana Barreto; SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos. **No Labirinto das Nações. Africanos e Identidades no Rio de Janeiro, século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005.

³⁰ ASCHER, Robert; FAIRBANKS, Charles. **Excavation of a Slave Cabin: Georgia, USA**. *Historical Archaeology*, n. 5, p.3-17, 1971; FAIRBANKS, Charles. The Plantation Archaeology of Southeastern Coast. **Historical Archaeology**, v. 28, n. 1, p.41-64, 1984; _____. The Kingsley Slave Cabins in Duval County, Florida, 1968. **The Conference on Historic Site Archaeology Papers**, v.7, p. 62-93, 1972.

³¹ HERSKOVITS, Melville. **The Myth of the Negro Past**. Boston: Beacon Press, 1980.

³² WHEATON, T.; Garrow, P. Acculturation and the Archaeological Record in Carolina Lowcountry. In: SINGLETON, Theresa (Ed.) **The Archaeology of Slavery and Plantation Life**. Orlando: Academic Press, 1985. p. 239-259.

tigelas, indicativa de hábitos alimentares centrados no consumo de ensopados, a predominância de restos faunísticos esvaçados e as dimensões das habitações com cerca de 4m x 4m.³³ Esta abordagem impulsionou os arqueólogos a refletir sobre a significância das variações do registro arqueológico em termos comportamentais, sociais e culturais. Porém, por se tratar de outra perspectiva ética, fundamentada no funcionalismo e no formalismo econômico, também ignorou a possibilidade de os escravos terem atribuído significados alternativos à cultura material, os quais continuaram a ser vistos como elementos passivos dentro do sistema, sem a mínima possibilidade de negociação social.

No começo da década de 1990, a arqueologia afro-americana entrou em uma fase mais auto-reflexiva, quando arqueólogos adeptos de vertentes marxistas e pós-processualistas começaram a criticar fortemente as abordagens prévias, sendo finalmente reconhecido que o compartilhamento de artefatos entre senhores e escravos poderia envolver apenas um compartilhamento superficial de valores, visto que diferentes grupos podem atribuir significados distintos à mesma cultura material. A atenção começou a ser dada ao caráter dinâmico das relações de poder, visando entender como os escravos construíram seu mundo com base tanto nas limitações da instituição da escravidão quanto na herança africana.³⁴ No decorrer daquela década, houve um interesse crescente no estudo da dinâmica interna das comunidades afro-americanas. Esta mudança de foco exigiu o desenvolvimento de uma visão mais equilibrada, bidirecional, das relações de poder, inserindo-se em um contexto de desenvolvimento do pensamento social na arqueologia histórica marcado pela rejeição aos modelos que privilegiavam a perspectiva dos grupos dominantes, focalizando-se na agência dos grupos subordinados e nas trocas envolventes. O foco, assim, voltou-se para temas como os modos nos quais os afro-americanos compartilharam tradições étnicas e se

³³ BAKER, Vernon. Archaeological Visibility of Afro-American Culture: An Example from Black Lucy's Garden, Andover, Massachusetts. In: SCHUYLER, Robert (Ed.). **Archaeological Perspectives on Ethnicity in America**. Baywood, New York. 1980. p.29-37; MOORE, Sue. Social and Economic Status on the Coastal Plantation: An Archaeological Perspective. In: SINGLETON, Theresa (Ed.). **The Archaeology of Slavery and Plantation Life**. San Diego: Academic Press, 1985. p.141-160; OTTO, John S. **Cannon's Point Plantation – 1794-1860 – Living Conditions and Status Patterns in the Old South**. Orlando, San Diego, San Francisco, New York: Academic Press Inc., 1984.

³⁴ HOWSON, Jean. Social Relations and Material Culture: a Critique of the Archaeology of Plantation Slavery. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 2, p. 78-91. 1990; ORSER Jr., Charles. Beneath the material surface of things: commodities, artifacts, and slave plantations. **Historical Archaeology**, v. 26, n. 3, p. 95-104. 1996; POTTER Jr., Parker. What is the use of plantation archaeology? **Historical Archaeology**, v. 25, n. 3, p. 94-107. 1991.

envolveram em negociações de poder com os senhores,³⁵ as formas como gerenciaram as várias situações de risco as quais estavam sujeitos³⁶ e os usos que fizeram da cultura material visando expressar seus próprios sistemas de valores e assim construir um senso de comunidade bastante diferenciado da ideologia senhorial.³⁷

Nesse mesmo período alguns acadêmicos se dedicaram ao estudo da ideologia racista e do papel da cultura material em sua construção e manutenção, analisando os modos pelos quais os grupos afro-americanos não somente construíram uma cultura que resistia ao racismo, mas também manipulavam essa mesma ideologia como um elemento de coesão de grupo.³⁸ Modelos de trocas culturais mais sofisticados que os paradigmas da aculturação começaram a ser adotados, destacando-se aquele da *crioulização*.³⁹ Este modelo buscava entender não somente os modos como os afro-americanos se reapropriaram da cultura material hegemônica a partir de seus referenciais próprios, mas também as influências que esses grupos exerceram sobre a sociedade euro-americana.⁴⁰ Ao considerar que os escravos usaram a cultura material euro-americana com base em uma gramática que se manteve principalmente africana, os arqueólogos começaram a prestar mais atenção às particularidades desse registro arqueológico, considerando as relações contextuais entre artefatos e estruturas, visando entender os modos como a cultura material foi utilizada em práticas diversificadas, muitas vezes pautadas em referenciais bastante diferenciados daqueles da cultura hegemônica. Este é o caso dos estudos que focalizam as práticas religiosas das populações africanas na diáspora, que incluíram a reprodução de signos religiosos

³⁵ WILKIE, Laurie A. **Ethnicity, Community and Power: An Archaeological Study of the African-American Experience at Oakley Plantation, Louisiana**. Columbia: The University of South Carolina. 1994.

³⁶ YOUNG, Amy. Risk management strategies among African-American slaves at Locust Grove Plantation. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 1, n. 1, p. 3-29, 1997.

³⁷ THOMAS, Brian. Power and Community: the Archaeology of Slavery at the Hermitage Plantation. **American Antiquity**, v. 63, n. 4, p. 531-555, 1998.

³⁸ BABSON, David. The Archaeology of Racism and Ethnicity on Southern Plantations. **Historical Archaeology**, v. 24, n. 4, p. 20-28, 1990; MULLINS, Paul. Racializing the Parlor: Race and Victorian Bric-a-Brac Consumption. In: _____. **Race and the Archaeology of Identity**. University of Utah Press, 2001. p.158-176; ORSER Jr., Charles. The Challenge of Race to American Historical Archaeology. **American Anthropologist**, v. 100, n.3, p. 661-668. 1999.

³⁹ FERGUNSON, Leland. **Uncommon Ground: Archaeology and Early African America, 1650-1800**. Washington and London: Smithsonian Institution Press. 1992.

⁴⁰ DAWDY, S. Creolization – Preface. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 1-4, 2000; DELLE, James. The material and cognitive dimensions of creolization in nineteenth-century Jamaica. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 56-72, 2000.

centro-africanos em vasilhames cerâmicos descartados em rios,⁴¹ o enterramento de itens rituais que visavam o controle do mundo exterior a partir da manipulação do universo sobrenatural,⁴² e o uso, para propósitos rituais e mágicos, de uma diversidade de artefatos encontrados em contextos de habitação, tais como contas de vidros azuis, moedas chinesas, moedas com cruzes incisadas, moedas perfuradas, cristais de lustres, cristais de quartzo, colheres com cruzes incisadas no cabo, figas, etc.⁴³ Ao trabalharem diretamente com os vestígios materializados das práticas socioculturais dos grupos escravos, tais pesquisas têm revelado uma diversidade de informações sobre a vida cotidiana, a sociedade e a cultura desses grupos que raramente foram presenciadas e, menos ainda, registradas pelos observadores dos segmentos dominantes.

As pesquisas em sítios de ocupação africana e afrodescendente no Brasil ainda são escassas, tendo sido inauguradas no final da década de 1970 com Guimarães e Lanna⁴⁴ em Minas Gerais, cujo foco recaía nas estratégias das comunidades de fugitivos (denominadas quilombos e mocambos). No final dos anos 1980, Guimarães e outros⁴⁵ realizaram escavações no Quilombo do Ambrósio (MG), evidenciando construções de pau-a-pique e recuperando itens como cachimbos, vasilhames cerâmicos e restos alimentares. Porém, essas pesquisas não tiveram continuidade, resultando apenas na publicação dos resultados iniciais. Nos anos de 1992 e 1993 Orser e Funari⁴⁶ realizaram

⁴¹ FERGUNSON, Op. Cit., 1992.

⁴² BROWN, Kenneth. Material Culture and Community Structure: The Slave and Tenant Community at Levi Jordan's Plantation, 1848-1892. In: HUDSON JR., Larry (Ed). **Working toward Freedom: Slave Society and Domestic Economy in the American South**. New York: University of Rochester Press, 1994; LEONE, Mark; FRY, Gladys-Marie. Spirit Management among Americans of African Descent. In: ORSER, C. (Ed.). **Race and the Archaeology of Identity**. Salt Lake City: University of Utah Press, 2001. p. 143-157.

⁴³ KLINGHOLFER, E. Aspects of Early Afro-American Material Culture: Artifacts from the Slave Quarters at Garrison Plantation, Maryland. **Historical Archaeology**, v. 21, n. 2, p. 112-119, 1987; RUSSEL, A. E. Material Culture and African-American Spirituality at the Hermitage. **Historical Archaeology**, v. 31, n. 2, p. 63-80, 1997; WILKIE, Laurie A. Magic and Empowerment on the Plantation. **Southeastern Archaeology**, v. 14, p. 136-157, 1995; YOUNG, Amy. Archaeological Evidence of African-Style Ritual and Healing Practices in the Upland South. *Tennessee Anthropologist*, v. 21, p. 139-155. 1996.

⁴⁴ GUIMARÃES, Carlos Magno; LANNA, Ana Lúcia Duarte. Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais. **Pesquisas: Antropologia**, São Leopoldo, n.31, p. 147-64. 1980.

⁴⁵ GUIMARÃES, Carlos Magno. O Quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia. In: Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão Negra. **Estudos Iberos-Americanos**. Porto Alegre, v. 16, n. 1/2, p. 161-174. 1990. Idem. **Esclavitud, Rebeldia y Arte. Arte Rupestre Colonial y Republicano de Bolivia y Países Vecinos**. La Paz, v. 1, p. 212-219, 1992.

⁴⁶ ORSER, Charles; FUNARI, Pedro P. A pesquisa arqueológica inicial em Palmares. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 18, p.53-69, 1992; FUNARI, Pedro Paulo A. A 'República de Palmares' e a Arqueologia da Serra da Barriga. *Revista USP*, n. 28, p. 6-13. 1995/6; Idem. Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII. In: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (Eds.) **Sed non**

prospecções arqueológicas e escavações exploratórias no Quilombo dos Palmares (AL), recuperando amostras de cerâmicas indígenas, aquelas coloniais e faianças europeias. Na mesma época, Lima e colegas⁴⁷ realizaram escavações na senzala da Fazenda São Fernando, em Vassouras (RJ), porém, recuperaram basicamente elementos construtivos, com uma notória ausência de itens relacionados às práticas cotidianas dos grupos escravos.

Mais recentemente têm surgido pesquisas em áreas de pequenos quilombos do Rio Grande do Sul;⁴⁸ novas escavações no Quilombo dos Palmares;⁴⁹ em uma senzala urbana em Martinho da Serra (RS);⁵⁰ em senzalas de dois engenhos de açúcar de Chapada dos Guimarães (MT),⁵¹ e em senzalas do Engenho São Joaquim, em Pirinópolis (GO).⁵² Outros estudos têm focalizado classes específicas de artefatos associadas aos cativos, tais como cerâmicas;⁵³ cachimbos;⁵⁴ vidros lascados⁵⁵ contas de

Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea, Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 1999. p. 77-96; FUNARI, Pedro Paulo A. A Arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 26-51.

⁴⁷ LIMA, Tania A., M. C. Bruno e M. P. Fonseca. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. **Anais do Museu Paulista**, História e Cultura Material, Nova série, 1, p.170-206. 1993.

⁴⁸ CARLE, Claudio. **A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX**. Tese de doutorado em história, PUCRS, Porto Alegre. 2005.

⁴⁹ ALLEN, Scott J. Identidades em Jogo: negros, índios e a arqueologia da Serra da Barriga. In: L. de Almeida, M. Galindo e J. Elias (eds.) **Índios do Nordeste: temas e problemas**. Maceió: EDUFAL, 2000. v. 2. p.245-275; Idem. As vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. **Clio – Série Arqueológica**, v. 20, n. 1, p. 81-101. 2006.

⁵⁰ MACHADO, N.T.; MILDER, S.E. Negros e coronéis na região central do Rio Grande do Sul – um estudo de caso: O casarão dos Mello, Martinho da Serra. In: **Anais do Terceiro Encontro de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba**. Universidade do Vale do Paraíba. CD-ROM. 2003.

⁵¹ SYMANSCKI, Luis C. P.; SOUZA, Marcos A. T. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 33, p. 215-244, 2007; SYMANSKI, Luís C. P. **Slaves and Planters in Western Brazil: material culture, identity and power**. Tese de doutorado, Gainesville, University of Florida. 2006.

⁵² SOUZA, Marcos A. T. A vida escrava portas adentro: Uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. **Maracanan**, v. 7, p. 83-109, 2011; _____. Uma outra escravidão: a paisagem social do Engenho de São Joaquim, Goiás. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n.1, p. 57-88, 2007.

⁵³ DIAS JR., Ondemar. **A Cerâmica Neo-Brasileira, Arqueo-IAB - Textos Avulsos**, v. 1, p. 3-13, 1988; AGOSTINI, Camilla. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: um Olhar sobre a Cultura Material de Escravos do Século XIX. **Revista de História Regional**, v. 3, n.2, p.115-137, 1998a; _____. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. **Vestígios**, v.4, n.2, p. 1-20, 2010; ALLEN, Scott J. A 'cultural mosaic' at Palmares? Grappling with historical archaeology of a -Seventeenth-Century brazilian quilombo. In: FUNARI, Pedro P. (org.) **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: Unicamp, 1998. p. 141-178; JACOBUS, André. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. **Revista do CEPA**, v. 20, n. 23, p. 7-58, 1996; LIMA, Gislaiane V.; CARVALHO,

colar,⁵⁶ e sapatos⁵⁷ encontrados em contextos diversos, tais como unidades domésticas urbanas e rurais, engenhos, senzalas, povoados de mineração, quilombos, cemitérios urbanos e lixeiras coletivas urbanas. Algumas investigações têm revelado que os grupos escravizados utilizaram a cultura material visando a manutenção, reprodução e transformação de cosmologias e práticas rituais de origem africana.⁵⁸ Symanski discutiu a reprodução de tatuagens corporais de grupos africanos em cerâmicas nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT) como evidência da manutenção de uma cosmologia amplamente dispersa entre os povos da África subsaariana, relacionada à antropomorfização da cerâmica.⁵⁹ Por conseguinte, Souza e Agostini, em uma análise de cerâmicas decoradas com escarificações de africanos ocidentais e orientais, de contextos do Sudeste e Centro-Oeste, argumentam como esses signos podem ter sido reproduzidos visando a criação de mecanismos de coexistência por parte de grupos identitários diaspóricos no contexto do Brasil.⁶⁰ De outro modo, Tavares abordou os significados

Héllen B. **A cerâmica de Vila Boa de Goiás dos séculos XVIII e XIX**. Sebrae, Goiania. 2004; MORALES, Walter F. A cerâmica "neo-brasileira" nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 11, p. 165-188, 2001;

SOUZA, Marcos A. T. Entre Práticas e Discursos: a Construção Social do Espaço no Contexto de Goiás do Século XVIII. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria X. (eds.) **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul – Cultura Material, Discursos e Práticas**. Buenos Ayres: Ediciones del Tridente, 2002. p.63-86; SOUZA, Marcos A. T.; SYMANSKI, Luís C. P. Pottery variability and slave communities in Western Brazil. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 13, p.513–548, 2009; SOUZA, Marcos A. T.; AGOSTINI, Camilla. Body marks, pots and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. **Historical Archaeology**, v. 46, n. 3, 2012; SYMANSKI, Luís C. P. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010; ZANETTINI, Paulo E. **Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 2005.

⁵⁴ AGOSTINI, Camilla. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos do Rio de Janeiro, século XIX. **Revista de Arqueologia**, v. 11, p. 15-26, 1998b.

⁵⁵ SYMANSKI, Luís C. P. Artefatos reciclados em sítios históricos de Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**, v. 9, p. 43-54, 1996.

⁵⁶ TAVARES, Aurea C. **Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista**. Dissertação de mestrado em arqueologia, UFPE, Recife. 2006.

⁵⁷ LIMA, Tania A. Los zapateros descalzos: arqueología de una humillación en Rio de Janeiro del siglo XX. In: ACUTO, Félix; ZARANKIN, Andrés (eds.) **Sed nos Satiata II. Acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana**. Córdoba, Argentina: Encuentro Grupo Editor, v. 1, p. 135-157. 2008.

⁵⁸ SYMANSKI, Luís C. P. Op. Cit., p. 294-310, 2010; SYMANSKI, Luís C. P. O Domínio da Tática: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v.1 (2), p. 7-36. 2007; SYMANSKI, Luís C. P. Op. Cit., 2006; SOUZA, Op. Cit., 2012; SOUZA, Marcos A. T. **Spaces of Difference: an Archaeology of Slavery and Slave Life in a 19th Century Brazilian Plantation**. Tese de doutorado, Syracuse University. 2010; TAVARES, Op. Cit., 2006.

⁵⁹ SYMANSKI, Luís C. P. Op. Cit., 2010. p. 294-310; SYMANSKI, Op. Cit., 2006.

⁶⁰ SOUZA, Marcos A. T. Op. Cit., 2012.

religiosos dos colares presentes em enterramentos de escravos na Sé de Salvador (BA), relacionados ao culto dos africanos ocidentais;⁶¹ enquanto Souza analisou os itens devocionais encontrados nas senzalas do Engenho São Joaquim (GO) como indicativos de práticas religiosas híbridas, envolvendo o catolicismo e religiosidades africanas.⁶² Também Symanski analisou itens enterrados sob o piso da casa grande do Engenho Rio da Casca e de uma senzala do engenho Água Fria (MT) como evidências de práticas de conjuro de matriz centro-africana.⁶³

De um modo geral, o processo de trocas culturais entre africanos, ameríndios e europeus tem sido abordado com base em modelos alternativos ao de aculturação, destacando-se as noções de crioulização, transculturação e etnogênese, como é o caso dos estudos de Allen⁶⁴ e Funari⁶⁵ no Quilombo dos Palmares (AL), Souza, no arraial de mineração de Ouro Fino (GO) e no Engenho São Joaquim (GO),⁶⁶ Souza e Symanski⁶⁷ e Symanski nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT).⁶⁸ Particularmente as pesquisas realizadas em três engenhos e um pequeno quilombo na Chapada dos Guimarães (MT) permitiram a recuperação de amostras de uma diversidade de contextos datados em diferentes intervalos entre 1780 e 1888. A variabilidade diacrônica da cerâmica de produção local, referente, sobretudo, às técnicas de decoração e padrões decorativos, permitiu fazer correlações entre este material e as mudanças na composição dos plantéis escravos, as quais demonstraram que os cativos – particularmente os africanos – usaram esse material para expressar diferenças culturais e sociais. Porém, quando o cenário demográfico da escravidão em Chapada foi dominado por uma população afro-brasileira, a partir do último terço do século XIX, ocorreu uma gradual diminuição na proporção dos vasilhames cerâmicos decorados, demonstrando que o processo de crioulização nesta região foi fortemente atrelado às mudanças

⁶¹ TAVARES, Op. Cit., 2006.

⁶² SOUZA, Marcos A. T. Op. Cit., 2010.

⁶³ SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Op. Cit., 2007. p. 7-36.

⁶⁴ ALLEN, Scott J. A 'cultural mosaic' at Palmares? Grappling with historical archaeology of a - Seventeenth-Century brazilian quilombo. In: FUNARI, Pedro P. (org.) **Cultura Material e Arqueologia Histórica**, Campinas: Unicamp, 1998. p. 141-178.

⁶⁵ FUNARI, Pedro. Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII. In: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (Eds.) **Sed non Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporânea**. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 1999. p. 77-96.

⁶⁶ SOUZA, Marcos A. T. Op. Cit., 2002.

⁶⁷ SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flavia Prado (orgs.) **Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural**. São Paulo: Annablume. 2009.

⁶⁸ SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Op. Cit., 2006; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Op. Cit., 2010.

geracionais dos grupos escravizados, de uma população culturalmente heterogênea africana para uma população mais homogênea, afro-brasileira.⁶⁹ Este estudo sugere que o processo de crioulização, diferentemente do que é apregoado pelos estudos de arqueologia histórica na América do Norte e no Caribe, não segue uma via linear, em que grupos com diferentes *backgrounds* culturais rapidamente constroem uma nova cultura como resposta à vida comum em cativeiro, conforme defendido no modelo clássico de Mintz e Price.⁷⁰ Antes, este processo deve ser contextualmente avaliado, pois pode apresentar ritmos distintos de acordo com as especificidades da escravidão em diferentes regiões das Américas, podendo, como no caso da Chapada, ser marcado por períodos de expressão de diferenças e reconstrução de identidades pautadas em referenciais diversificados.

Enfim – apenas num quadro panorâmico – as pesquisas aqui citadas apontam para o grande potencial sobre os padrões de vida material, práticas cotidianas, economia, dinâmica social, cosmologias, religiosidade, construção e reconstrução de identidades, resistência e agência das populações africanas na diáspora. Em uma perspectiva diacrônica esse registro pode indicar mudanças em uma ou em todas essas feições que não seriam passíveis de ser identificadas em nenhum outro tipo de fonte. Tais mudanças podem estar vinculadas a mudanças mais amplas no contexto econômico, político, e/ou social, mas podem também ser resultantes da agência desses grupos na escala interna de uma dada estrutura de produção ou de uma região. Esta questão da agência dos grupos escravizados ainda é pouco explorada na arqueologia brasileira, cujos poucos estudos teoricamente orientados têm sido conduzidos sob os já referidos modelos afins de crioulização, transculturação e etnogênese. Tais modelos, contudo, tendem a minimizar a capacidade de agência desses grupos, pois, na medida em que assumem que há uma gramática própria de uso dos artefatos pelas populações afro-americanas, colocam a estrutura – neste caso uma estrutura mental - como determinante, não concedendo margem para as ações criativas e estratégicas, em que os

⁶⁹ SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Op. Cit., 2006; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Op. Cit., 2010; SOUZA, Op. Cit., 2009.

⁷⁰ MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. **The Birth of African-American Culture. An Anthropological Perspective.** Boston: Bacon Press, 1992; Idem. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana.** Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas. 2003.

agentes envolvidos podem adotar diferentes padrões de comportamento em detrimento do contexto social, visando à realização de metas específicas.⁷¹

Das senzalas, famílias e mocambos

No Brasil, dentre os temas destacados de uma renovada História Social, encontra-se o estudo da família escrava. Até aproximadamente a década de 1970, os autores que procuraram analisar as complexidades da sociedade escravista brasileira apenas apontavam, com relação à vida social dos escravos, a total inexistência de laços familiares entre eles. Já no início do século XX, Nina Rodrigues, numa visão preconceituosa, marcada por um racismo científico emergente desde o final do século XIX, enfatizava a "imoralidade" e a "devassidão" como marcas principais do comportamento do africano desde a sua chegada como escravo.⁷² Deslocando os argumentos, amparados inicialmente por categorias "étnicas-biologizantes", surgem, na década de 1930, os escritos de Gilberto Freyre.⁷³ Ao analisar as relações sociais, sexuais e familiares dos escravos, procurou ressaltar o *caráter sociológico* da sociedade escravista. Os cativos não constituíram famílias, sendo "promíscuos" e "imorais"; entretanto, tais fatos não podiam ser tão somente explicados pelas origens étnicas dos escravos, mas sim devido ao *sistema social* da escravidão. Segundo Freyre: "não há escravidão sem depravação sexual", constituindo a "essência mesma do regime". Destacando a existência de uma grande família patriarcal, afirmaria que as relações sexuais entre cativos e seus senhores eram toleradas, porém, admitia que existissem exceções, ou seja, ainda que vivessem num ambiente de "depravação", alguns escravos conseguiam se casar e constituir famílias.⁷⁴

A partir da década de 1960 novos estudos refutaram as ideias de Freyre. Não aceitando os argumentos que apontavam para a "benignidade" da escravidão, autores revisionistas – da chamada *Escola Sociológica Paulista* – enfatizavam o caráter violento das relações sociais sob o cativo. A violência e um mundo de opressão eram o que vigorava na escravidão. Mais do que isto, constituíam os explicadores do sistema

⁷¹ SOUZA, Marcos A. T. Op. Cit., 2010; SOUZA, Marcos A. T. Op. Cit., 2011.

⁷² RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. 6ed., São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: UnB., 1982. [1905]. p. 7.

⁷³ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: 1933.

⁷⁴ Idem.

escravista brasileiro. A formação de famílias, segundo Florestan Fernandes e outros, era, nesse contexto, algo inexistente. E os escravos viviam sob completa "anomia social", que os impedia de ter vida social própria, sendo que a violência e a crueldade tinham marcado profundamente a dimensão familiar. Os argumentos destacados para a inexistência de famílias eram: "desregramento" social, falta de "normas", constituição de "uniões efêmeras" e "promiscuidade sexual".⁷⁵

Desde a década de 1990, vários estudos têm procurado fazer uma revisão desses argumentos. Utilizando como principais fontes inventários, listas nominativas, censos populacionais e assentamentos paroquiais de casamentos e batismos, com a perspectiva de efetuar análises agregativas, diversos autores têm mostrado que, a despeito do mundo de opressão, das péssimas condições de vida e trabalho, da desproporção sexual nos plantéis, dos altos índices de mortalidade etc., parte considerável da massa escrava, com estratégias variadas, conseguiu constituir famílias.⁷⁶ Ampliando os universos de reflexões, vários estudos procuraram manter um diálogo com a bibliografia sobre a família escrava no Sul dos Estados Unidos. Os estudos – e consequentemente o debate historiográfico – a respeito do tema nos Estados Unidos já são igualmente bem antigos. Diversos historiadores, alguns dos quais influenciados pelos próprios estudos de Freyre, analisaram as formações sociais da escravidão nas Américas sob o enfoque comparativo. Enfatizaram-se os aspectos "benévolos" da escravidão nos Estados Unidos e aqueles "malévolos" da escravidão brasileira. Com relação à vida social dos escravos

⁷⁵ CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Cor e Mobilidade social em Florianópolis. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960. p. 129-130; BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e Negro em São Paulo. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 3ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1971. p. 97; COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Ciências Humanas, 1982. p. 259.

⁷⁶ COSTA, Iraci del Nero da; SLENES, Robert; SCHWARTZ, Stuart B. A Família escrava em Lorena (1801). **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 245-95, 1987; GRAHAM, Richard. A família escrava no Brasil colonial. In: _____. **Escravidão, Reforma e Imperialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 41-57; FLORENTINO, Manolo; GOÉS, José Roberto. **A Paz das Senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-c.1850**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997; FARIA, Sheila Siqueira de Castro. **A Colônia em Movimento. Fortuna e Família no Cotidiano Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; MOTTA, José Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v. 9, n. 16, p. 104-59, jun. 1988; Idem. **Corpos Escravos, Vontades Livres: Posse de Cativos e Família Escrava Em Bananal (1801 - 1829)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999; SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 189-203. 1988; Idem. Escravidão e família: padrões de casamentos e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 217-27, 1987.

norte-americanos, criou-se o estereótipo do negro *sambo*, que seria um escravo infantilizado e sem personalidade moral, inteiramente coisificado socialmente pelo sistema escravista.⁷⁷

Na década de 1970, os debates a respeito da organização familiar entre os escravos nos Estados Unidos ganharam, porém, novos contornos com os historiadores Genovese⁷⁸ e Gutman.⁷⁹ De um lado, Genovese procurou criticar a generalização de estereótipo do *sambo* para toda a população escrava norte-americana, destacando a existência de famílias escravas estáveis, porém, como parte do mundo patriarcal dos senhores. Assim, identificava o caráter "paternalista" que permeava as relações sociais entre senhores e escravos. Do outro lado, Gutman refutou tais argumentos de Genovese, assim como os de Stamp,⁸⁰ criticando inicialmente as análises de Frazier⁸¹ a respeito da organização familiar dos negros norte-americanos durante a escravidão. Semelhante a Genovese, se opôs à ideia da dominância da família do "tipo matrifocal", qual seja, que a maioria deles vivia (e era criada) apenas com as mães. Com fontes variadas, Gutman demonstrou que grande parte dos escravos vivia em famílias estáveis e duradouras, constituídas por pais, mães e filhos. Apesar da intolerância, truculência e mesmo o paternalismo dos senhores – a massa escrava constituiu famílias, com também uma cultura, com relativa autonomia,⁸² sendo que o mundo familiar dos cativos não era tão somente a extensão do universo senhorial. Ao contrário, junto a uma organização familiar autônoma, os cativos recriaram também uma cultura com significados políticos próprios.⁸³ Para além deste debate, vários estudos a respeito da

⁷⁷ ELKINS, Stanley M. **Slavery: a problem in American institutional and intellectual life**. University of Chicago Press. 1959; TANNEMBAUM, Frank. **Slave and Citizen. The negro in the Americas**. New York: Alfred A. Knopf. 1947; DEGLER, Carl N. **Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

⁷⁸ GENOVESE, Eugene D. **Roll, Jordan, roll. The World the slaves made**. New York: Vintage Books, 1976.

⁷⁹ GUTMAN, Herbert G. **The Black family in slavery and freedom, 1750-1925**. New York: Vintage Books, 1976.

⁸⁰ STAMP, Kenneth M. Rebels and Sambos. In: WEINSTEIN, Allen; GATEL, Frank Otto; SARASOHN, David (Eds.) **American Negro Slavery. A Modern Reader**. 3ed. New York: Oxford University Press, 1979.

⁸¹ FRAZIER, Edward Franklin. **The negro family in the United States**. 5ed., Chicago: University of Chicago Press, 1947.

⁸² GUTMAN, Herbert G. Family and Kinship Groupings among the enslaved afro-americans on the south Carolina Good Hope Plantation: 1760-1860. In: RUBIN, Vera; TUDEN, Arthur (Eds.). **Comparative Perspectives on Slavery in New World Plantation Societies**. New York: 1977. p. 242-258.

⁸³ Para as controvérsias entre Gutman/Genovese, ver a introdução de Ira Berlin em: GUTMAN, Herbert G. **Culture and Power: Essays on the American Working Class**. Introdução de Ira Berlin. Pantheon Books, 1987.

história social da escravidão nas Américas, particularmente para as áreas escravistas do Caribe e Sul dos Estados Unidos, indicam pistas instigantes sobre o tema da família escrava.⁸⁴ Podemos citar diversos estudos – entre clássicos e contemporâneos – que apontam caminhos no entendimento mais amplo da gestação de família, comunidades e cultura com significados próprios entre os cativos.⁸⁵

Mais recentemente, seguindo em parte as perspectivas de Slenes,⁸⁶ arqueólogos e historiadores têm também oferecido contribuições importantes nas reflexões sobre as paisagens das senzalas e os espaços de sociabilidade no seu entorno. Destacamos tanto Agostini⁸⁷ como principalmente Marquese com instigantes estudos sobre o regime visual e a disposição das senzalas.⁸⁸

Além da família escrava, uma importante dimensão dos estudos sobre a escravidão e o pós-abolição aparece nas investigações a respeito dos quilombos e

⁸⁴ CRATON, Michael. Changing patterns of slave families in the British West Indies. **Journal of Interdisciplinary History**, v. 10, n. 1, p. 1-36, 1976; HIGMAN, Barry W. Household Structure and fertility on jamaican slave plantations: a nineteenth-century example. *Population Studies. A Journal of Demography*, v. 27, n. 3, p. 527-550. 1973; Idem. The Slave family and household in the British West Indies, 1800-1834. **Journal of Interdisciplinary History**, v. 6, n. 1, p. 261-287, 1975.

⁸⁵ LEVINE, Lawrence W. Slaves Songs and Slave Consciousness. In: WEISTEIN, Allem; GATEL, Frank Otto; SARASOHN, David (Eds.). **American Negro Slavery. A Modern Reader**. 3ed. New York: Oxford University Press, 1979; SOBEL, Mechal. **The World they Made together: Black and White Values in Eighteenth-Century Virginia**. Princeton University Press, 1987; STUCKEY, Sterling. **Slave Culture: Nationalist Theory and The Foundations of black America**, New York: 1987; BERLIN, Ira. Time, Space and the Evolution of Afro-American Society on British Mainland North America. **The American Historical Review**, v. 85, n. 1, February, p. 44-78, 1980; BLASSINGAME, John. **The Slave Community. Plantation Life in the antebellum South**. New York: Oxford University Press, 1972; CREEL, Margaret Washington. **'Peculiar People: Slave Religion and Community among the Gullahs**. New York: New York University Press. 1988; MALONE, Ann Patton. **Sweet Chariot. Slave Family & Household Structure in Nineteenth Century Louisiana**. The University of North Carolina Press, 1992; MORGAN, Philip. **Slave Counterpoint. Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake & Lowcountry**. University of North Carolina Press, Chapel Hill & London, 1998; STEVENSON, Brenda E. **Life in Black and White. Family and Community in Slave South**. Oxford University Press, 1996.

⁸⁶ SLENES, Op. Cit., 1999.

⁸⁷ AGOSTINI, Camilla. Structural and liminal spaces in slaves' everyday lives: Southeastern Brazil, 19th century, In: **Religion and Space in the Atlantic World**. Indiana University Press, forthcoming. 2012; Idem. "Espaços estruturais e espaços liminares na ordem escravista: um estudo dos espaços construídos por africanos e afrodescendentes no complexo cafeeiro do século XIX". In: TERRA, Carlos G.; ANDRADE, Rubens de (Org.). **Coleção Paisagens Culturais Volume I - Materialização da Paisagem Através das Manifestações Sócio-Culturais**, 2008. p. 39-47.

⁸⁸ MARQUESE, Rafael de Bivar. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. **Anais do Museu Paulista**, v. 18, p. 83-128. 2010; Idem. Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura escravista no Vale do Paraíba oitocentista. **Almanack Braziliense**, São Paulo, v. 7, p. 138-152. 2008; MARQUESE, Rafael de Bivar. Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das *plantations* escravistas americanas no século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, p. 11-57, 2006; Idem. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 165-188, 2005. Ver também Gomes, 2013, no prelo.

comunidades remanescentes.⁸⁹ Os quilombos tão somente abordados na perspectiva de protesto contra a escravidão podem ser analisados no contexto da formação de micro-sociedades camponesas. Desde o século XVII – ganhando força nos séculos XVIII e XIX – constituiu-se um campesinato negro no Brasil.⁹⁰ Suas origens eram: os próprios quilombos – independente de tamanho – com suas especificidades regionais e articulações econômicas locais; as comunidades de fugitivos de índios aldeados – refugiados de aldeamentos religiosos e leigos – que se redefiniam etnicamente; as comunidades camponesas formadas por setores sociais de homens livres pobres “marginalizados” e ou “desclassificados”, como os desertores militares; as atividades econômicas de roceiros, gestadas a partir das economias próprias dos escravos, qual seja, o tempo e as roças destinadas aos escravos por seus próprios senhores para que garantissem/providenciassem seu próprio sustento e a gestação de setores camponeses de lavradores pobres – homens livres – nas áreas não voltadas para a agra-exportação e/ou nas franjas das áreas econômicas de fronteiras abertas.⁹¹

Na complexidade histórica deste campesinato no Brasil, vemos ainda, entre outras coisas, o surgimento de culturas do mundo rural. Em várias outras regiões coloniais brasileiras, fugitivos e quilombolas – organizados ou não, em pequenos e grandes grupos – inventavam suas próprias liberdades. Do ponto de vista socioeconômico, essas relações sociais mantidas pelos quilombolas articularam alguns grupos mesmo ao mercado de abastecimento de alimentos e comércio clandestino. A frequência, volume, periodicidade, continuidade e importância destas relações dependeriam dos contextos específicos de algumas áreas e das estratégias dos grupos quilombolas que nelas se estabeleceram. Diversos fatores econômicos, geográficos e demográficos tiveram

⁸⁹ REIS, Op. Cit., 1996.

⁹⁰ PALACIOS, Guillermo. Campesinato e Escravidão: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres livres no Nordeste Oriental do Brasil, C. 1700-1875. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 30, n. 3. 1987.

⁹¹ Destaca-se aqui a bibliografia sobre a economia própria dos escravos: BARICKMAN, Bert. A Bit of Land which They Call Roça: Slave Provision Grounds on Sugar Plantations and Cane Farms in the Bahian Recôncavo, 1780-1860. **Hispanic American Historical Review**, v. 74, n. 4, p. 649-687, 1994; CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Escravo ou Camponês ? O Protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987; FLORENTINO, Manolo Garcia; FRAGOSO, João Luis Ribeiro. Marcelino, filho de Inocência Crioula, neto de Joana Cabinda: um estudo sobre famílias escravas em Paraíba do Sul (1835-1872). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 151-73, 1987; GUIMARÃES, Carlos Magno. Quilombos e Brecha camponesa – Minas Gerais (Século XVIII). **Varia História**, Belo Horizonte, Revista do Departamento de História, v. 8, Julho 1989; MACHADO, Maria Helena P.T. Vivendo na mais perfeita desordem: os libertos e o modo de vida camponês na província de São Paulo do século XIX. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, CEAA, n. 25, dezembro. 1993; SLENES, Op. Cit., 1999.

impacto sobre as formações de grupos de fugitivos aonde eles tenham existido. As estratégias dos quilombolas para manter sua autonomia podiam estar combinadas a contextos geográficos e socioeconômicos diversos. Vários estudiosos, movimentos sociais, autoridades federais, estaduais e municipais têm se mobilizado nos últimos quinze anos em torno do reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos. Com direitos de posse e titulação agrárias reconhecidos oficialmente na Constituição Brasileira de 1988, destacadamente no Artigo 68º. da ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias), centenas de comunidades negras rurais, espalhadas por todo o Brasil, lutam por cidadania e terra. Recupera-se no passado e no presente diversos e complexos processos históricos de formas de campesinato, atravessando todo o período escravista e da pós-emancipação.

Em todas as áreas das Américas Negras onde se estabeleceram grupos de escravos fugidos, destaca-se a maneira como se forjaram políticas de alianças entre os fugitivos com outros setores da sociedade envolvente. Assim foi na Jamaica, no Haiti, nas Guianas, na Colômbia, no Brasil, Suriname, Venezuela e em outras regiões escravistas onde quilombolas, *cimarrones*, *palenques*, *cumbes* e *maroons* procuraram se organizar econômica e socialmente em grupos e comunidades.⁹² Tentavam manter a todo custo sua autonomia e, ao mesmo tempo, agenciavam estratégias de resistência junto a piratas, indígenas, comerciantes, fazendeiros, lavradores, até autoridades coloniais e, principalmente, aqueles que permaneciam escravos. Foram, sem dúvida, a partir de tais estratégias e experiências – permeadas de contradições e conflitos – que os fugitivos determinaram os sentidos de suas vidas como sujeitos de sua própria história. Revisões críticas e pesquisas mais recentes têm buscado diferentes caminhos para analisar a questão. Os aspectos históricos do protesto negro, – não exclusivo àqueles dos quilombos e das revoltas abertas – são complexos e multifacetados. Neste sentido, devem ser reconstruídos nos seus contextos e não simplificados e polarizados.⁹³ Com

⁹² MULLIN, Michael. **Africa in America. Slave Acculturation and Resistance in the America South and the British Caribbean, 1736-1831.** University of Illinois Press. 1992; PRICE, Richard. Resistance to Slavery in the Americas: Maroons and their Communities. **Indian Historical Review**, n. 15, v. 1-2. 1988/89; THORNTON, John K. **Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1680.** Cambridge University Press, 1992.

⁹³ Para o Brasil, ver, por exemplo: CHALHOUB, Op. Cit., 1990; CUNHA, Op. Cit., 1985; MACHADO, Maria Helena. **Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas, 1830-1888.** São Paulo: Brasiliense, 1987; Idem. **O Plano e o Pânico. Os movimentos sociais na Década da Abolição.** Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/EDUSP, 1994; REIS, João José. Op. Cit., 2003[1986]; REIS, João

base em novas pesquisas e abordagens históricas, critica-se a ideia modelo de um tipo de rebeldia escrava que se esgotava em si mesmo, procurando apenas "reagir" contra a violência senhorial. Na perspectiva de ampliar o entendimento da luta escrava, a ênfase na tão somente "reação" cedia a vez para as reflexões sobre as ações e seus significados. Não se pretendeu negar ou obscurecer a violência e a "coisificação" física dos escravos, porém, novos estudos tentaram mais que atravessar sobre a superfície o mar das denúncias e mergulhar nas profundezas do cotidiano das experiências e visões escravas. Sob a escravidão, é certo, milhares de homens e mulheres não só viveram. Procuraram, na medida do possível, organizar suas vidas, recriando-as.⁹⁴

Estudos mais recentes sobre a escravidão em várias partes das Américas têm procurado – partindo de pesquisas empíricas de fôlego, assim como dialogando com outros aportes teóricos e metodológicos – reexaminar a resistência escrava sob diferentes óticas. O tema das comunidades de fugitivos escravos sempre foi uma preocupação. E parece hoje estar renovado com inúmeras e novas pesquisas. Particularmente no Brasil, destacam-se recentes e originais estudos sobre o tema. Poderíamos citar as análises de etno-história sobre comunidades remanescentes de quilombos – há muito já iniciadas para outros países – que agora ganham interessantes contornos.⁹⁵

José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; SLENES, Op. Cit., 1991/92.

⁹⁴ GUTMAN, Op. Cit.; 1987.

⁹⁵ Sobre comunidades remanescentes de quilombos, ver: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio – Uso Comum e Conflito. In: CASTRO, Edna M. R. & HABETTE, Jean. (Orgs.). **Na Trilha dos Grandes Projetos: Modernização e Conflito na Amazônia**. Cadernos do NAEA/UFPA, n.10, 1990; BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela**. São Paulo, Brasiliense, 1988; CARVALHO, José Jorge de (Org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições e lutas**. Salvador: CEAO/EDUFBA, 1996; FUNES, Eurípedes. Nasci nas matas, nunca tive senhor. História e Memória dos mocambos do Baixo Amazonas. In: REIS, João; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 467-497; GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. **Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro negro**. Brasília, MEC/Fundação Cultural Palmares. 1996; LEITE, Ilka Boaventura. (Org.) **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Santa Catarina, Letras Contemporâneas, 1996; MONTEIRO, Anita M. de Q. **Castainho: Etnografia de um Bairro rural de Negros**. Recife: Mansangana, 1985; O'DWYER, Eliane Cantarino. 'Remanescentes de Quilombos' na fronteira Amazônica. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Terra de Quilombos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995; QUEIROZ, Renato da S. **Caipiras Negros no Vale do Ribeira: Um estudo de antropologia econômica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983; VÉRAN, Jean-François. Rio das Rãs: memória de uma 'comunidade remanescente de quilombo'. **Afro-Ásia, Salvador**, CEAO/UFBA, n. 23, p. 297-330, 1999.

Investigações em andamento: primeiras informações

As investigações e projetos de pesquisas em andamento sobre escavações (com aprovação do IPHAN) em antigas fazendas no Rio de Janeiro visam a montagem de grupos de pesquisas (com a participação de arqueólogos e historiadores, entre alunos de graduação, mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação em História Comparada da UFRJ e de Antropologia da UFPR e da UFMG) numa perspectiva multidisciplinar. Para além das pesquisas arquivísticas e as análises posteriores dos registros arqueológicos, pensamos na disponibilização (formação de acervos) do material (imagens, registros arqueológicos e fontes textuais arquivísticas) sobre as experiências da escravidão e do pós-emancipação, com destaque para a confecção (além de formação da iniciação científica e da pós-graduação) de material didático (palestras, conferências e cursos de extensão) para alunos, professores e público em geral, visando a execução da lei 10.639 de ensino de história da África e dos afro-brasileiros.

Assim, o objetivo principal seria investigar registros da cultura material e imaterial da escravidão e do pós-emancipação no Brasil (inicialmente comparando o Rio de Janeiro). Conectando passado-presente através de investigação arquivística, pesquisas arqueológicas, pesquisas etnográficas, com digitalização e produção de documentários, pretende-se recuperar cenários e paisagens de formações camponesas, elites rurais, cultura popular, memória e imaginário social. O material da pesquisa poderá ser disponibilizado em termos de visualização e multimídia para fins de educação através de documentários, fotografias, áudios, vídeos e publicações de acervos documentais. Em termos da pesquisa arqueológica, pretendemos investigar vários cenários da cultura material da escravidão e do pós-abolição, destacando para o Rio de Janeiro as prospecções na fazenda colonial dos religiosos beneditinos e as escavações em edifícios e áreas externas da fazenda colonial dos Jesuítas (Fazenda do Colégio) no município de Campos dos Goitacazes. Serão iniciadas também as prospecções e escavações em antigas senzalas da Fazenda Santa Clara no município de Santa Rita do Jacutinga (divisa com o município de Valença) entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. E há ainda expectativas de em 2015 a realização de prospecções e escavações em áreas de mata atlântica onde se encontram possíveis ruínas de sítios

arqueológicos atribuídos ao quilombo de Carukango, entre os Municípios de Silva Jardim, Casemiro de Abreu e Macaé.⁹⁶

Das investigações já iniciadas destacamos a região de Campos dos Goitacazes. Em junho e julho de 2012, visitamos a fazenda dos beneditinos para uma prospecção inicial e localizamos os sítios das senzalas. As dimensões dos espaços mapeados foram as seguintes: *Mosteiro* – fachada (noroeste) e fundos da construção: 32 metros, dos quais 15 m dizem respeito à parte frontal da igreja. Laterais de: 27 m (sudoeste; parede contígua à igreja) e 40 m (sudeste). *Arruamento das senzalas* – O espaço das habitações escravas localizava-se em frente à fachada principal da sede da fazenda, distando cerca de 60 metros dela. O arruamento das casas configura uma conformação em “U” e, por meio da coleta dos pontos em GPS, foi possível precisar a metragem de cada um de seus lados: arruamento noroeste, 125 m; arruamentos sudeste e sudoeste, 160 m.⁹⁷

⁹⁶ Estas várias pesquisas têm sido coordenadas na Arqueologia pelo professor Luís Claudio Symanski (atualmente na UFMG, mas que atuou até 2012 na UFPR) e na História, pelo professor Flávio Gomes (UFRJ). Tratam-se das seguintes investigações: Projeto **Café com Açúcar: Arqueologia da Escravidão em uma Perspectiva Comparativa no Sudeste Rural Escravista**, financiado pelo CNPq, em andamento (processo 472181/2011-4), coordenado por Luis Claudio Symanski (UFMG); Projeto **Famílias, cultura material, doenças e crioulização: Paisagens e possibilidades de sítios arqueológicos em fazendas escravistas dos séculos XVIII e XIX no Rio de Janeiro**, financiado pelo CNPq (processo 474893/2010-3), finalizado e coordenado por Flávio dos Santos Gomes e Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ) e o projeto **Arqueologia e patrimônio histórico entre paisagens e cultura material: levantamento de sítios arqueológicos do Rio de Janeiro**, financiado pela FAPERJ, em andamento (processo E-6/111.446/2011), coordenado por Flávio dos Santos Gomes.

⁹⁷ Medições realizadas por Lucas Roahny (estudante de graduação da Universidade Federal do Paraná) em junho de 2012.



Foto 1 – Localização do arruamento de casas das antigas senzalas das fazendas dos beneditinos, Campos dos Goitacazes

Pesquisas arquivísticas revelaram que havia, no século XIX, aproximadamente 650 escravos nesta fazenda, quase que exclusivamente crioulos. Em 1846, há um registro da existência de 110 senzalas na fazenda organizadas por parentesco. Infelizmente não foi possível realizar as primeiras escavações neste sítio.



Foto 2 – Área do antigo terreiro dos arruamentos de senzalas das fazendas dos beneditinos, Campos dos Goitacazes

Na mesma região, foi possível a localização e o início da escavação nas senzalas da fazenda do Colégio dos Jesuítas (Figura 3). Sua sede foi construída em meados do século XVII por padres da Companhia de Jesus. Um século mais tarde, a propriedade foi arrematada pelo comerciante Joaquim Vicente dos Reis. A sede é uma das mais antigas construções de Campos dos Goytacazes, tendo sido tombada pelo Patrimônio Histórico em 1946 e desapropriada pelo governo do estado na década de 1970. Seu último morador foi João Batista Barroso, que ocupou a sede até 1980, ano de sua morte. Cabe destacar que, até essa data, uma comunidade afro-descendente se manteve agregada à propriedade. A partir de então, o edifício foi abandonado. Em 1991, passou por processo de restauração para que fosse implantada a Escola de Cinema da Universidade Estadual do Norte Fluminense, sofrendo posteriormente novo abandono.

Em 2001 foi, finalmente, ocupado pelo Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes. A população escravizada manteve-se extremamente numerosa na primeira metade do século XIX, pois, no inventário do proprietário Sebastião Gomes Barroso, datado de 1843, consta um total de 1240 cativos⁹⁸.



Figura 3 – Fotografia aérea do Solar do Colégio do ano de 1980, com indicação das áreas escavadas. O tracejado vermelho diz respeito ao traçado da senzala (acervo do Arquivo Público de Campos).

No atual estágio da pesquisa arqueológica, o trabalho de campo nos contextos selecionados envolveu escavações (primeira etapa) amplas, que visaram expor na superfície o material presente nesses espaços para obter um melhor entendimento de sua distribuição em termos de práticas e de significados. As escavações arqueológicas contemplaram duas áreas: uma de deposição de refúgio referente aos ocupantes da sede, situada a cerca de 45 metros a noroeste da sede; e a outra, a 80 metros a norte da sede, referente à extremidade noroeste de uma grande senzala em conformação de U que ficava de frente para a sede, cujas extremidades originalmente ultrapassavam a linha da

⁹⁸ Arquivo Público de Campos dos Goytacazes. Inventário de Sebastião Gomes Barroso. Ano: 1843.

parede frontal da sede da fazenda em aproximadamente 10 metros, formando uma praça de cerca de 180 x 200 metros (Figura 4).

Na área de deposição de refugo da sede da fazenda foram abertos nove metros quadrados de área escavada, com profundidade média de 40 cm, a qual foi suficiente para recuperar uma amostra significativa de material arqueológico referente ao período entre o final do século XVIII e meados do século XIX, incluindo uma grande quantidade de porcelanas européias, louças inglesas e restos alimentares, predominando ossos de bois. Na área referente à senzala foram abertas duas unidades de escavação, totalizando 48m² de área escavada. Ambas foram rebaixadas até atingir a base do depósito arqueológico, entre 40 e 50 cm de profundidade. O padrão de deposição material indicou que a área leste era de atividades cotidianas, concentradas sobretudo no entorno de uma fogueira em frente à unidade de habitação. Essa estrutura de fogueira era composta por grandes tijolos soltos, em conformação circular, contornando uma vala que continha uma grande quantidade de carvão e de material ósseo, cercada, em suas adjacências, por carapaças de mariscos. A área de escavação oeste, por sua vez, revelou uma vala irregular preenchida com o refugo das atividades cotidianas desses grupos, composta, predominantemente, por ossos de animais domésticos e silvestres, além de material cerâmico (Figura 5). Provavelmente como forma de higienização, eles cobriram o conteúdo dessa vala com uma camada de telhas, retornando, a seguir, a depositar mais refugo em cima dessa camada e, novamente, encobrendo com outra camada de telhas.

Essas duas unidades de escavação apresentaram uma grande quantidade de material arqueológico, sendo cerca de 50% da amostra referente a material ósseo de animais domésticos como bois, porcos e galinhas, mas também silvestres e aquáticos, incluindo capivaras, porcos-do-mato e peixes. Dentre os itens da cultura material, foi recuperada uma grande quantidade de fragmentos de cerâmicas artesanais de produção local ou regional, cerâmicas torneadas, faianças portuguesas do século XVIII, louças inglesas do século XIX, ornamentos simples de cobre martelado, como pulseiras e pingentes, contas de colares de vidro e cachimbos de cerâmica. As características desse material apontam para um intervalo de deposição concentrado entre 1800 e 1850, não alcançando, assim, a ocupação setecentista.



Figura 4 - Evidenciação da área de deposição de lixo da senzala.



Figura 5 – Porção superior da estrutura de fogueira, nível 40-45. Observa-se, no centro, o fragmento de um prato de cerâmica, um chifre de boi e, na porção inferior direita, um dente de javali.

Com este estudo pensamos inicialmente avaliar os mecanismos de dominação senhorial e as expectativas da cultura material a partir das seguintes questões: como essas unidades se configuraram espacial e materialmente? Houve variações nas estratégias de dominação decorrentes do tipo de unidade produtiva? Como tais estratégias foram materialmente expressas? Houve variações nessas estratégias através do tempo? O estudo dessas estratégias de dominação é essencial para entender os mecanismos desenvolvidos pelos cativos para lidar com as mesmas, assim como as possibilidades que eles buscaram para a realização de suas próprias metas nessas estruturas de limitação – seus *projetos culturalmente estabelecidos*, nas palavras de Ortner.⁹⁹ Nesse sentido, algumas das questões discutidas incluíam: houve diferenças nos padrões de vida material, econômica, social e cultural dos grupos escravizados em função do tipo de estrutura produtiva? Puderam esses grupos agenciar diferentemente suas vidas nesses contextos? As diferenças na composição cultural intra-grupos levaram a diferenças nas suas respectivas configurações materiais e sociais? Houve variação nas táticas de resistência desses grupos em função dos tipos diferenciados de estruturas produtivas? Ou foi a variação cultural nas senzalas que teve uma maior influência nos tipos de táticas de resistência desenvolvidas? Puderam os grupos africanos ou de crioulos manter elementos de suas culturas de origem? Foi possível a grupos de origem africana diferenciada ou grupos de geração de crioulos conformar subgrupos nesses espaços, pautados em afinidades culturais comuns em suas respectivas regiões de origem? E, por fim, qual foi o ritmo do processo de criouliização no sudeste rural escravista sob esses dois diferentes tipos de regimes produtivos? Há amplas similaridades nesse processo, ou as especificidades regionais de ordem econômica, social e cultural levaram à conformação de culturas crioulas diferenciadas?

Para discutir essas questões as pesquisas incluem, além das escavações arqueológicas, pesquisas bibliográficas sobre a escravidão e a cultura afro-brasileira no Sudeste, sobre a história e as sociedades das regiões de origem dessas populações cativas na África, e pesquisas documentais em arquivos, com foco em inventários *post-mortem*, processos criminais, cartas de alforria, mapas de população e fontes iconográficas. Pretende-se, assim, levantar informações sobre a estrutura social e material nas fazendas e engenhos, a demografia da escravidão nessas propriedades, a

⁹⁹ ORTNER, Op. Cit., 2006.

composição dos grupos escravizados em termos de origem, gênero e idade, e as mudanças nessa composição através do tempo. A identificação das principais regiões de procedência desses grupos permite levantar informações arqueológicas, históricas, etno-históricas e etnográficas sobre essas regiões da África, e assim identificar as principais influências culturais dessas regiões sobre a população escravizada do Sudeste. Por outro lado, o estudo de documentos como processos crime permitirá levantar informações sobre as práticas cotidianas no sistema escravista tradicionalmente empregadas por esses grupos.

Referências bibliográficas:

AGOSTINI, Camilla. Structural and liminal spaces in slaves everyday lives: Southeastern Brazil, 19th century, In: **Religion and Space in the Atlantic World**. Indiana University Press, forthcoming. 2012.

_____. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. **Vestígios**, v.4, n.2, p. 1-20, 2010.

_____. Cultura material e a experiência africana no Sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 39-47, 2009.

_____. Espaços estruturais e espaços liminares na ordem escravista: um estudo dos espaços construídos por africanos e afrodescendentes no complexo cafeeiro do século XIX. In: TERRA, Carlos G.; ANDRADE, Rubens de. (Org.). **Coleção Paisagens Culturais Volume I - Materialização da Paisagem Através das Manifestações Sócio-Culturais**, 2008. p. 39-47.

_____. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: um Olhar sobre a Cultura Material de Escravos do Século XIX. **Revista de História Regional**, v. 3, n. 2, p.115-137, 1998a.

_____. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos do Rio de Janeiro, século XIX. **Revista de Arqueologia**, v. 11, p. 15-26, 1998b.

AGORSAH, E. Kofi. (org.). **Maroon Heritage. Archaeological Ethnographic and Historical Perspectives**. University of the West Indies, 1994.

ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O Trato dos Viventes. A formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

ALLEN, Scott J. As vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. **Clio – Série Arqueológica**, v. 20, n. 1, p. 81-101, 2006.

ALLEN, Scott J. Identidades em Jogo: negros, índios e a arqueologia da Serra da Barriga. In: L. de Almeida, M. Galindo e J. Elias (eds.) **Índios do Nordeste: temas e problemas**. Maceió: EDUFAL, 2000. v. 2. p. 245-275.

_____. A 'cultural mosaic' at Palmares? Grappling with historical archaeology of a - Seventeenth-Century brazilian quilombo. In: FUNARI, Pedro P. (Org.) **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: Unicamp, 1998. p. 141-178.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio -- Uso Comum e Conflito. In: CASTRO, Edna M. R. & HABETTE, Jean. (Orgs.). **Na Trilha dos Grandes Projetos: Modernização e Conflito na Amazônia**. Cadernos do NAEA/UFPa, n.10, 1990.

ASCHER, Robert; FAIRBANKS, Charles. Excavation of a Slave Cabin: Georgia, USA. **Historical Archaeology**, v. 5, p. 3-17, 1971.

BABSON, David. The Archaeology of Racism and Ethnicity on Southern Plantations. **Historical Archaeology**, v. 24, n. 4, p. 20-28, 1990.

BAKER, Vernon. Archaeological Visibility of Afro-American Culture: An Example from Black Lucy's Garden, Andover, Massachusetts. In: SCHUYLER, Robert (Ed.). **Archaeological Perspectives on Ethnicity in America**. New York: Baywood, 1980. p.29-37.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARICKMAN, Bert. A Bit of Land which They Call Roça: Slave Provision Grounds on Sugar Plantations and Cane Farms in the Bahian Recôncavo, 1780-1860. **Hispanic American Historical Review**, v. 74, n. 4, p. 649-687, 1994.

BARRET, John. Agency, the duality of the structure, and the problem of the archaeological record. In: HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity Press. 2001. p.141-164.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma Sociologia das Interpretações das Civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

_____. The Other Quilombos. In: PRICE, Richard (Org.). **Maroon Societies. Rebel Slave Communities in the Americas**. Second edition, The Johns Hopkins University Press, 1979. p. 191-201.

_____. **As Américas Negras: As Civilizações Africanas no Novo Mundo**. São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1974.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 3ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1971.

BEAUDRY, Mary; COOK, L.; MROZOWSKI, S. Artifacts and Active Voices: Material Culture as Social Discourse. In: MCGUIRE, R.; PAYNTER, R. **The Archaeology of Inequality**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1991. p. 150-191.

BERLIN, Ira. Time, Space and the Evolution of Afro-American Society on British Mainland North America. **The American Historical Review**, v. 85, n. 1, February, p. 44-78, 1980.

BLASSINGAME, John. **The Slave Community. Plantation Life in the antebellum South**. New York: Oxford University Press, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

BROWN, Kenneth. Ethnographic analogy, archaeology, and the African diaspora: perspectives from a tenant community. **Historical Archaeology**, v. 30, n. 1, p. 17-32, 2004.

BROWN, Kenneth. Material Culture and Community Structure: The Slave and Tenant Community at Levi Jordan's Plantation, 1848-1892. In: HUDSON JR., Larry (Ed). **Working toward Freedom: Slave Society and Domestic Economy in the American South**. New York: University of Rochester Press, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Escravo ou Camponês? O Protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Cor e Mobilidade social em Florianópolis. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Editora Nacional, 1960.

CARLE, Claudio. **A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX**. Tese de doutorado em história, PUCRS, Porto Alegre. 2005.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições e lutas**. Salvador: CEAQ/EDUFBA, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, v. 1, n. 1, p. 119-147, 1976.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Ciências Humanas. 1982.

COSTA, Iraci del Nero da; SLENES, Robert; SCHWARTZ, Stuart B. A Família escrava em Lorena (1801). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 245-95, 1987.

CRATON, Michael. Changing patterns of slave families in the British West Indies. **Journal of Interdisciplinary History**, v. 10, n. 1, p. 1-36, 1976.

CREEL, Margaret Washington. **'Peculiar People': Slave Religion and Community among the Gullahs**. New York University Press. 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovô nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DAVIDSON, James. Rituals captured in context and time: Charm use in North Dallas Freedman's Town (1869-1907), Dallas, Texas. **Historical Archaeology**, v. 38, n. 2, p. 22-54, 2004.

DAWDY, S. Creolization – Preface. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 1-4, 2000.

DeCORSE, Christopher. Oceans Apart: Africanist Perspectives on Diaspora Archaeology. In: SINGLETON, Thereza (Eds.) **“I, too, Am America”**: **Archaeological Studies of African-American Life**. Charlottesville: University Press of Virginia, p. 132-158. 1999.

DEGLER, Carl N. **Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

DELLE, James. The material and cognitive dimensions of creolization in nineteenth-century Jamaica. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 56-72, 2000.

_____. The landscapes of class negotiation on coffee plantations in the Blue Mountains of Jamaica, 1790-1850. **Historical Archaeology**, v. 33, n. 1, p. 136-158, 1999.

DIAS JR., Ondemar. **A Cerâmica Neo-Brasileira, Arqueo-IAB - Textos Avulsos**, v. 1, p. 3-13, 1988.

DOBRES, Marcia-Anne; ROBB, John. Agency in archaeology: paradigm or platitude? In: _____. (Eds.) **Agency in Archaeology**. London: Routledge. 2000. p.3-17.

ELKINS, Stanley M. **Slavery: a problem in American institutional and intellectual life**. University of Chicago Press. 1959.

EMMERSON, M. African Inspirations in a New World Art and Artifact: Decorated Pipes from Chesapeake. In: SINGLETON, Thereza (Eds.) **“I, too, Am America”**: **Archaeological Studies of African-American Life**, Charlottesville: University Press of Virginia, 1999. p. 47-82.

FAIRBANKS, Charles. The Plantation Archaeology of Southeastern Coast. **Historical Archaeology**, v. 28, n. 1, p.41-64, 1984.

_____. The Kingsley Slave Cabins in Duval County, Florida, 1968. **The Conference on Historic Site Archaeology Papers**, v. 7, p.62-93, 1972.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. **A Colônia em Movimento. Fortuna e Família no Cotidiano Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998.

FARIAS, Juliana Barreto; SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos. **No Labirinto das Nações. Africanos e Identidades no Rio de Janeiro, século XIX.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

FERGUNSON, Leland. **Uncommon Ground: Archaeology and Early African America, 1650-1800.** Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1992.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Brasil e Angola no Tráfico Ilegal de Escravos, 1830-1860, In: PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio S. (Orgs.). **Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 143-194.

FLORENTINO, Manolo; GOÉS, José Roberto. **A Paz das Senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-c.1850.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1994.

FLORENTINO, Manolo Garcia; FRAGOSO, João Luis Ribeiro. Marcelino, filho de Inocência Crioula, neto de Joana Cabinda: um estudo sobre famílias escravas em Paraíba do Sul (1835-1872). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.151-73, 1987.

FRAZIER, Edward Franklin. **The negro family in the United States.** 5ed., Chicago: University of Chicago Press, 1947.

FREITAS, Décio. **Palmares: A Guerra dos Escravos.** 3ed., Rio de Janeiro: Graal, 1981.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: 1933.

FRY, Peter; VOGT, Carlos. **Cafundó: A África no Brasil. Linguagem e sociedade.** São Paulo, Cia. das letras, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo. Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia brasileira. **Horizontes Antropológicos**, ano 8, n. 18, p. 131-153. 2002.

_____. Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII. In: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (Eds.) **Sed non Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea.** Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 1999. p. 77-96.

_____. A 'República de Palmares' e a Arqueologia da Serra da Barriga. **Revista USP**, n. 28, p. 6-13, 1995/6.

FUNARI, Pedro Paulo A. A Arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 26-51.

_____. Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa. (Orgs.). **Negras Imagens: Escravidão e Cultura no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 139-151.

FUNARI, Pedro Paulo A.; ORSER, Jr., Charles E. Pesquisa arqueológica inicial em Palmares. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 53-69, 1994.

FUNES, Eurípedes. Nasci nas matas, nunca tive senhor. História e Memória dos mocambos do Baixo Amazonas. In: REIS, João; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 467-497.

GENOVESE, Eugene D. **Roll, Jordan, roll. The Wordl the slaves made**. New York: Vintage Books. 1976.

GIDDENS, Anthony. **Central problems in social theory: action, structure and contradiction in social analysis**. Berkeley: University of California Press. 1979.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro, UCAM/CEAA. 2001.

GORENDER, Jacob. **Escravidão Reabilitada**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1984.

GOSDEN, Christopher. **Anthropology and archaeology: a changing relationship**. London: New York: Routledge, 1999.

GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio (aspectos de rebeldia dos escravos no Brasil)**. Rio de Janeiro: Conquista. 1972.

GRAHAM, Richard. A família escrava no Brasil colonial. In: _____. **Escravidão, Reforma e Imperialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 41-57.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, Quilombos e Palmares. Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 139-163.

_____. Mineração colonial e arqueologia: potencialidades. **Revista de Arqueologia**, Rio de Janeiro/Soc.Arq. Brasil., v. 9, p. 55-64, 1996.

_____. **Esclavitud, Rebeldia y Arte. Arte Rupestre Colonial y Republicano de Bolivia y Países Vecinos**, La Paz, v. 1, p. 212-219, 1992.

GUIMARÃES, Carlos Magno. O Quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia. In: Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão Negra. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 16, n. 1/2, p. 161-174, 1990.

_____. Quilombos e Brecha camponesa – Minas Gerais (Século XVIII). **Varia História**, Belo Horizonte, Revista do Departamento de História, v. 8, Julho 1989.

_____. Os Quilombos do Século do Ouro. **Revista do Departamento de História**. FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, n. 6, Julho 1988.

_____. **Uma Negação da Ordem Escravista. Quilombos em Minas Gerais no Século XVIII**. São Paulo: Icone, 1988.

GUIMARÃES, Carlos Magno; REIS, Liana Maria. Agricultura e escravidão em Minas Gerais (1700-1750). **Revista do Departamento de História**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 7-36, jun. 1986.

GUIMARÃES, Carlos Magno; LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais**. Pesquisas: Antropologia. São Leopoldo, n.31, p. 147-64. 1980.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. **Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro negro**. Brasília: MEC/Fundação Cultural Palmares, 1996.

GUTMAN, Herbert G. **Culture and Power: Essays on the American Working Class**. Introdução de Ira Berlin. Pantheon Books, 1987.

_____. Family and Kinship Groupings among the enslaved afro-americans on the south Carolina Good Hope Plantation: 1760-1860. In: RUBIN, Vera; TUDEN, Arthur (Eds.). **Comparative Perspectives on Slavery in New World Plantation Societies**. New York, p. 242-258, 1977.

_____. **The Black family in slavery and freedom, 1750-1925**. New York: Vintage Books, 1976.

HALL, Gwendolyn Midlo. **Africans in Colonial Louisiana. The Development of Afro-Creole Culture in The Eighteenth Century**. Louisiana State University Press, 1992.

HAUSER, M.; DeCORSE, C. Low-Fired Earthenwares in the African Diaspora: Problems and Prospects. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 7, n. 1, p. 67-99, 2003.

HERSKOVITS, Melville. **The Myth of the Negro Past**. Boston: Beacon Press, 1980.

HEYWOOD, Linda (Ed.) **Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____. The Angolan-Afro-Brazilian Cultural Connections. In: FREY, Sylvia R.; WOOD, Betty (Orgs.). **From Slavery to Emancipation in the Atlantic World**. London, Portland, Frank Cass, 1999. p. 9-23.

HIGMAN, Barry W. The Slave family and household in the British West Indies, 1800-1834. **Journal of Interdisciplinary History**, v. 6, n. 1, p. 261-287, 1975.

_____. Household Structure and fertility on jamaican slave plantations: a nineteenth-century example. Population Studies. **A Journal of Demography**, v. 27, n. 3, p. 527-550, 1973.

HODDER, Ian. **Theory and Practice in Archaeology**. London: Routledge, 1992.

_____. **Reading the Past**. London: Cambridge University Press, 1986.

HOWSON, Jean. Social Relations and Material Culture: a Critique of the Archaeology of Plantation Slavery. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 2, p. 78-91, 1990.

JACOBUS, André. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. **Revista do CEPA**, v. 20, n. 23, p.7-58, 1996.

JOHNSON, Howard. The Emergence of a Peasant in the Bahamas during Slavery. **Slavery & Abolition**, v. 10, n. 2, p. 172-186, setembro 1989.

KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. **Escravidão no Brasil**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

KLEIN, Herbert S. American Slavery in Recent Brazilian Scholarship, with Emphasis on Quantitative Socio-economic Studies (Review Essay). **Slavery & Abolition** 30, n. 1, p. 111-133, 2009.

KLINGHOLFER, E. Aspects of Early Afro-American Material Culture: Artifacts from the Slave Quarters at Garrison Plantation, Maryland. **Historical Archaeology**, v. 21, n. 2, p. 112-119, 1987.

LEITE, Ilka Boaventura. (Org.) **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Santa Catarina, Letras Contemporâneas. 1996.

LEONE, Mark; FRY, Gladys-Marie. Spirit Management among Americans of African Descent. In: ORSER, C. (Ed.). **Race and the Archaeology of Identity**. University of Utah Press, Salt Lake City, 2001. p. 143-157.

LEVINE, Lawrence W. Slaves Songs and Slave Consciousness. In: WEISTEIN, Altem; GATEL, Frank Otto; SARASOHN, David (Eds.). **American Negro Slavery. A Modern Reader**. 3ed., New York: Oxford University Press, 1979.

LIMA, Gislaine V.; CARVALHO, Hellen B. **A cerâmica de Vila Boa de Goiás dos séculos XVIII e XIX**. Goiânia: Sebrae, 2004.

LIMA, Tania A. Los zapateros descalzos: arqueología de una humillación en Rio de Janeiro del siglo XX. In: ACUTO, Félix; ZARANKIN, Andrés (Eds.) **Sed nos Satiata II. Acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana**. 1ed., Córdoba, Argentina: Encuentro Grupo Editor, v. 1, p. 135-157. 2008.

LIMA, Tania A., M. C. Bruno e M. P. Fonseca. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. **Anais do Museu Paulista**, História e Cultura Material, Nova série, 1, p.170-206. 1993.

LOVEJOY, Paul E. Identifying enslaved africans in the African Diaspora. In: LOVEJOY, Paul E. **Identity in the shadow of Slavery**. London and New York: Continuum, 2000. p. 1-29.

_____. **Transformations in Slavery: A History of Slavery in Africa**. Cambridge: 1983.

MACHADO, Maria Helena P. T. **O Plano e o Pânico. Os movimentos sociais na Década da Abolição**. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUSP, 1994.

_____. Vivendo na mais perfeita desordem: os libertos e o modo de vida camponês na província de São Paulo do século XIX. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, CEEA, n. 25, dezembro. 1993.

_____. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Ed. Marco Zero, v. 8, n. 16, mar/ago. 1988.

_____. **Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas, 1830-1888**. São Paulo: Brasiliense. 1987.

MACHADO, N.T.; MILDRE, S.E. Negros e coronéis na região central do Rio Grande do Sul – um estudo de caso: O casarão dos Mello, Martinho da Serra. In: **Anais do Terceiro Encontro de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba**. Universidade do Vale do Paraíba. CD-ROM. 2003.

MALONE, Ann Patton. Sweet Chariot. **Slave Family & Household Structure in Nineteenth Century Louisiana**. The University of North Carolina Pres, 1992.

MARQUESE, Rafael de Bivar. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. **Anais do Museu Paulista**, v. 18, p. 83-128, 2010.

_____. Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura escravista no Vale do Paraíba oitocentista. **Almanack Braziliense**, São Paulo, v. 7, p. 138-152, 2008.

_____. Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das *plantations* escravistas americanas no século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, p. 11-57, 2006.

_____. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 165-188, 2005.

McCALL, John C. Structure, agency, and the locus of the social: why poststructural theory is good for archaeology. In: ROBB, John E. (Ed.). **Material Symbols: Culture and Economy in Pre-History**. Carbondale: Southern Illinois University. 1999. p. 16-20.

MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana**. Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas. 2003.

_____. **The Birth of African-American Culture. An Anthropological Perspective**. Bacon Press, Boston. 1992.

MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **An Anthropological Approach to the Afro-American Past: A Caribbean Perspective**. Philadelphia, ISHI. 1976.

MONTEIRO, Anita M. de Q. **Castainho: Etnografia de um Bairro rural de Negros**. Recife: Mansangana, 1985.

MOORE, Sue. Social and Economic Status on the Coastal Plantation: An Archaeological Perspective. In: SINGLETON, Theresa (Ed.). **The Archaeology of Slavery and Plantation Life**, San Diego: Academic Press, 1985. p.141-160.

MORALES, Walter F. A cerâmica "neo-brasileira" nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 11, p. 165-188, 2001.

MORGAN, Philip. **Slave Counterpoint. Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake & Lowcountry**. University of North Carolina Press, Chapel Hill & London. 1998.

MORGAN, Philip D. **Work and Culture: The Task System and the World of Lowcountry Blacks, 1700 to 1800**. William and Mary Quarterly, 3rd series, 29, p. 566-9, 1982.

MOTTA, José Flávio. **Corpos Escravos, Vontades Livres: Posse de Cativos e Família Escrava Em Bananal (1801 - 1829)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.

_____. Família escrava: uma incursão pela historiografia. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v. 9, n. 16, p. 104-59, jun., 1988.

MULLIN, Michael. **Africa in America. Slave Acculturation and Resistance in the America South and the British Caribbean, 1736-1831.** University of Illinois Press, 1992.

MULLINS, Paul. Racializing the Parlor: Race and Victorian Bric-a-Brac Consumption. In: **Race and the Archaeology of Identity.** University of Utah Press, 2001. p.158-176.

O'DWYER, Eliane Cantarino. 'Remanescentes de Quilombos' na fronteira Amazônica. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Terra de Quilombos.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. Viver e Morrer no meio dos seus. Nações e Comunidades africanas na Bahia do Século XIX. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 174-193, dezembro/1995 e fevereiro/1996.

ORSER Jr., Charles. The Challenge of Race to American Historical Archaeology. **American Anthropologist**, v. 100, n. 3, p. 661-668, 1999.

_____. The Archaeological Analysis of Plantation Society: Replacing Status and Caste with Economics and Power. **American Antiquity**, v. 53, n. 4, p. 735-751, 1998.

ORSER Jr., Charles. The Archaeology of African Diaspora. **Annual Review of Anthropology**, v. 27, p. 63-82, 1998.

_____. Beneath the material surface of things: commodities, artifacts, and slave plantations. **Historical Archaeology**, v. 26, n. 3, p. 95-104, 1996.

ORSER, Charles; FUNARI, Pedro P. A pesquisa arqueológica inicial em Palmares. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 18, p.53-69, 1992.

ORTNER, Sherry. **Anthropology and social theory: culture, power, and the acting subject.** Durham: Duke University Press. 2006.

OTTO, John S. **Cannon's Point Plantation – 1794-1860 – Living Conditions and Status Patterns in the Old South.** Academic Press Inc. Orlando, San Diego, San Francisco, New York. 1984.

PALACIOS, Guilherme. Campesinato e Escravidão: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres livres no Nordeste Oriental do Brasil, C. 1700-1875. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 30, n. 3. 1987.

PALMIÉ, Stephan. (Org.) **Slave Cultures and the Cultures of Slavery.** Knoxville: The University of Tennessee Press. 1995.

PARÉS, Luís Nicolau. **A Formação do Candomblé. História e ritual da nação JeJe na Bahia.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

POTTER Jr., Parker. What is the use of plantation archaeology? **Historical Archaeology**, v. 25 (3):94-107. 1991.

PRICE, Richard. **The Miracle of Creolization: A Retrospective**. New West Indian Guide, v. 75, p. 35-64, 2000.

_____. Resistance to Slavery in the Americas: Maroons and their Communities. **Indian Historical Review**, n. 15, v. 1-2, 1988/89.

_____. **First-Time: The Historical Vision of Afro-American People**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983.

_____. (org). **Sociedades Cimarronas. Comunidades escravas rebeldes en las Américas**, Madrid: Siglo Veintiuno, 1981.

QUEIROZ, Renato da S. **Caipiras Negros no Vale do Ribeira: Um estudo de antropologia econômica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Rebelião Escrava e Historiografia. **Estudos Econômicos**, São Paulo, IPE-USP, v. 17, número especial, p. 7-35, 1987.

RAMOS, Arthur. **As Culturas Negras no Novo Mundo**. 3ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

_____. **O Negro na Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1953.

_____. **A Aculturação Negra no Brasil**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1942. (Col. Brasileira)

_____. **O Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus J.M. **O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c. 1822-c.1853)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

REIS, João J. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003[1986].

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RITZER, G.; GINDOFF, P. Agency-structure, micromacro, individualism-holism-relationism. In: P. Sztompka (Ed.) **Agency and structure: Reorienting social theory**. Yverton: Gordon and Breach, 1994. p.2-23.

RODRIGUES, Jaime. **De Costa a Costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. 6ed., São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: UnB, 1982.

RUSSEL, A. E. Material Culture and African-American Spirituality at the Hermitage. **Historical Archaeology**, v. 31, n.2, p. 63-80, 1997.

SCHWARTZ, Stuart B. A historiografia recente da escravidão brasileira. In: SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: Edusc, 2001. p. 21-88.

_____. **Segredos internos; engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras. 1988.

SCOTT, James. **Domination and the arts of resistance: hidden transcripts**. New Haven. London: Yale University Press. 1990.

SHANKS, Michael; TILLEY, Chistopher. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. Cambridge. New York: Cambridge University Press, 1987.

SINGLETON, Thereza (Eds.) **"I, too, Am America": Archaeological Studies of African-American Life**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999.

SLENES, Robert W. Eu venho de mito longe, eu vem cavando: jongueiros cumba na senzala centro-africana. In: LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo. (Orgs.) **Memória do Jongo. As gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949**. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007. p. 109-156.

_____. **Na Senzala, uma Flor: 'As esperanças e as recordações' na formação da Família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. As provações de um Abrão africano: a nascente nação brasileira na viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 2, IFCH/UNICAMP, p. 271-536, 1995/96.

_____. 'Malungu, Ngoma vem!': África coberta e descoberta no Brasil. **Revista USP**, n. 12, dez./jan./fev. 1991/92.

_____. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n.16, p. 189-203, 1988.

_____. Escravidão e família: padrões de casamentos e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 17, n.2, p. 217-27, 1987.

SOBEL, Mechal. **The World they Made together: Black and White Values in Eighteenth-Century Virginia**. Princeton University Press, 1987.

SOUZA, Marcos A. T.; AGOSTINI, Camilla. Body marks, pots and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. **Historical Archaeology**, v. 46, n. 3, 2012.

SOUZA, Marcos A. T. A vida escrava portas adentro: Uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX, **Maracanan**, v. 7, p. 83-109, 2011.

_____. **Spaces of Difference: an Archaeology of Slavery and Slave Life in a 19th Century Brazilian Plantation**. Tese de doutorado, Syracuse University, 2010.

_____. Esencializando las Cerámicas: Culturas Nacionales y Prácticas Arqueológicas en América. In: ACUTO, Félix; ZARANKIN, Andrés (Eds.) **Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana**. Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor, 2008. p. 141-155.

_____. Uma outra escravidão: a paisagem social do Engenho de São Joaquim, Goiás. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n. 1, p. 57-88, 2007.

SOUZA, Marcos A. T. Entre Práticas e Discursos: a Construção Social do Espaço no Contexto de Goiás do Século XVIII. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria X. (Eds.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul– Cultura Material, Discursos e Práticas**, Ediciones del Tridente, Buenos Ayres. 2002. p. 63-86.

SOUZA, Marcos A. T.; SYMANSKI, Luís C. P. Potery variability and slave communities in Western Brazil. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 13, p. 513–548, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista : história da festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

STAMP, Kenneth M. Rebels and Sambos. In: WEINSTEIN, Allen; GATEL, Frank Otto; SARASOHN, David (Eds.) **American Negro Slavery. A Modern Reader**. 3ed., New York: Oxford University Press, 1979.

STEVENSON, Brenda E. **Life in Black and White. Family and Community in Slave South**. New York: Oxford University Press. 1996.

STUCKEY, Sterling. **Slave Culture: Nationalist Theory and The Foundations of black America**. New York, 1987.

SWEET, James. **Recreating Africa: Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World – 1441-1770**. Chapel Hill and London: The University of Carolina Press, 2003.

SYMANSKI, Luís C. P. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

____. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flavia Prado (orgs.). **Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural**. São Paulo: Annablume. 2009.

____. Alocronismo y Cultura Material: Discursos de Dominación y la Utilización de los Bienes Materiales En la Sociedad Brasileira del Siglo XIX. In: ACUTO, Félix; ZARANKIN, Andrés (Eds). **Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueologia latinoamericana**. Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor, 2008. p. 255-275.

____. O Domínio da Tática: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v.1 n. 2, p. 7-36, 2007.

____. **Slaves and Planters in Western Brazil: material culture, identity and power**. Tese de doutorado, Gainesville, University of Florida. 2006.

____. Artefatos reciclados em sítios históricos de Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**, v. 9, p.43-54, 1996.

SYMANSCKI, Luis C. P.; SOUZA, Marcos A. T. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 33, p. 215-244, 2007.

TANNEMBAUM, Frank. **Slave and Citizen. The negro in the Americas**. New York: Alfred A. Knopf, 1947.

TAVARES, Aurea C. **Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista**. Dissertação de mestrado em arqueologia, UFPE, Recife. 2006.

THOMAS, Brian. **Power and Community: the Archaeology of Slavery at the Hermitage Plantation**. *American Antiquity*, v. 63, n. 4, p. 531-555, 1998.

THOMPSON, John K. On the trail of voodoo: African Christianity in Africa and the Americas. **The Americas**, v. XLIV, n. 3, Janeiro, 1988.

THOMPSON, Robert Faris. **Flash of the Spirit: African and Afro-American Art and Philosophy**. New York: Vintage Books, 1984.

THORNTON, John K. **Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1680**. Cambridge University Press, 1992.

VÉRAN, Jean-François. Rio das Rãs: memória de uma comunidade remanescente de quilombo. **Afro-Ásia**, Salvador, CEAO/UFBA, n. 23, p. 297-330, 1999.

WHEATON, T.; Garrow, P. Acculturation and the Archaeological Record in Carolina Lowcountry. In: SINGLETON, Theresa (Ed.) **The Archaeology of Slavery and Plantation Life**. Orlando: Academic Press, 1985. p. 239-259.

WILKIE, Laurie A. Culture Bought: evidence of creolization in the consumer goods of an enslaved Bahamian family. **Historical Archaeology**, v. 34, n. 3, p. 10-26, 2000.

_____. Secret and Sacred: Contextualizing the Artifacts of African-American Magic and Religion. **Historical Archaeology**, v. 31, n. 4, p. 81-106, 1997.

_____. Magic and Empowerment on the Plantation. **Southeastern Archaeology**, v. 14, p. 136-157, 1995.

_____. **Ethnicity, Community and Power: An Archaeological Study of the African-American Experience at Oakley Plantation, Louisiana**. Columbia: The University of South Carolina, 1994.

WIMMER, Linda. Ethnicity and Family Formation among Slaves on Tobacco Farms in the Bahian Reconcavo, 1698-1820. In: CURTO, José C.; LOVEJOY, Paul E. (eds.) **Enslaving Connections: Changing Cultures of Africa and Brazil During the Era of Slavery**. Amherst: Humanity Books, 2004. p.149-162.

YOUNG, Amy. Archaeological Evidence of African-Style Ritual and Healing Practices in the Upland South. **Tennessee Anthropologist**, v. 21, p. 139-155, 1997.

_____. Risk management strategies among African-American slaves at Locust Grove Plantation. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 1, n. 1, p. 3-29, 1997.

ZANETTINI, Paulo E. **Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 2005.